

ALUNOS CONECTADOS, PROFESSORES EM CONEXÃO: O USO DAS REDES SOCIAIS COMO INSTRUMENTO DE CONVERGÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

ARTIGO COMPLETO

FÁBIO DOS SANTOS CORADINI

Resumo

Alunos conectados, professores em conexão. Trata-se de uma provocação ao debate, de uma leitura de cenário e de um diagnóstico do espaço de construção do conhecimento, onde alunos estão em um ritmo acelerado, apropriando-se das mais diversas formas de comunicação informacional: convergentes, interconectadas e móveis. O objetivo deste estudo é ressignificar a ótica de aplicação da tecnologia no campo educacional, mais precisamente das redes sociais, em suas especificidades e do possível diálogo com o processo de aprendizagem. A sala de aula, atualmente, é um dos grandes observatórios dessa (co) dependência dos alunos com as formas midiáticas existentes no campo informacional e, nesse sentido, partindo dos pilares epistemológicos da complexidade nos modos de ser e de viver é que a proposta deste estudo se integra a construção de um debate perante a realidade e o “ocultismo” digital ainda presente no espaço escolar e na relação professor x aluno x sociedade. Na composição teórica-metodológica perpassamos por Santaella (2007, p.21) que caracteriza os “novos jovens”, Castells (2000, p. 188), quando afirma que as relações humanas, cada vez mais, se darão em um ambiente multimídia, Recuero (2006) que formaliza um estudo científico sobre a organização das redes sociais e Carvalho (2009) que interliga a relação das redes com as possibilidades de construção do saber. Os rumos da sociedade atual nos têm pressionado a (re) pensar o que se tem feito até então pelo progresso dos indivíduos e, num discurso ainda mais ético-moral, o que se tem feito pela vida. Os intensos efeitos da globalização e os novos arranjos sociais estabelecem entre si uma comunicabilidade e uma interdependência, se considerarmos os ditames do mundo sobre ele próprio e sobre os indivíduos. A presença diária da tecnologia na vida das pessoas vem ocasionando mudanças comportamentais, culturais e principalmente em seus hábitos. Os movimentos da atopia, ausência do lugar, e acronia, ausência do tempo, tornaram-se naturais nos processos internos que organizam a sociedade, à medida que a virtualidade se tornou parte integrante do processo de construção de um conhecimento que necessita ser ressignificado para uma sociedade que se relaciona em rede.

Palavras-chave: Tecnologia; Rede Social; Ensino e Aprendizagem; Mídias.

1 – INTRODUÇÃO

Tradicionalmente o surgimento de novos instrumentos tecnológicos e informacionais afetaram as questões inerentes à espacialidade dos indivíduos. Oliveira (2005) afirma que o aparecimento de novas tecnologias de comunicação produz novas formas de encurtar distâncias, possibilita formas diferentes de armazenamento e disseminação da produção de conhecimento. As questões inerentes às experiências espaciais, reais ou virtuais, tornaram-se os grandes

objetos de um debate que vai além da simples presença tecnológica no dia a dia dos indivíduos.

A Revolução Digital modificou estruturas e reconstruiu uma nova sociedade, denominada por Castells (2000) como sociedade em rede. Ainda, segundo o autor, essa “cultura da virtualidade real”, pressupõe sua constituição pelos processos informacionais e comunicativos, em que dos mundos reais e simbólicos, simplesmente não existem.

Hoje, notoriamente não vivemos sem a comunicação mediada pelas tecnologias móveis e computacionais, as quais nos ofertam inúmeras possibilidades de conexão, interação e redimensionamento das fronteiras que perpetuam na complexidade do espaço entre o corpo e o pensamento. Pensar em uma tríade informacional estabelecida na linearidade da convergência, interconexão e mobilidade é que chamamos de viver em “sociedade multimídia”, conforme apresenta Castells (2000, p. 188).

Vivenciamos uma realidade social e cibernética que determina a concepção de uma educação que tenha suporte para ressignificar os processos de formação frente à tecnologia. Alunos de hoje não são os de ontem, assim como a velocidade das informações se perpetuam sem no mínimo respeitar a leitura do dia anterior, e mediante esta surpreendente realidade, as salas de aulas continuam caminhando dentro de um ocultismo tecnológico, distanciando da vivência de seus alunos.

Essa grande dinâmica dos “nativos digitais”, termo aferido por Prensky (2001), se relaciona como um elemento para a adequação de um processo educacional diferenciado, lúdico e dinâmico. Santaella (2007, p. 21), já afirmava o seguinte sobre os novos jovens: “Eles têm outro tipo de mente, porque possuem a capacidade de se comunicar por vários canais”. Mediante tal afirmação, destacamos a concepção de comunicação em redes, instrumento que se perpetua na vida dos alunos e corrobora para uma maior abrangência na interconexão e interação, as redes sociais. Então, temos uma importante vigência na educação baseada na tecnologia, a formação de professores e a conexão pelas redes.

Notoriamente, esse discurso perderia a validade, se os professores não fossem a fonte de sucção dessa relação. Essa tessitura digital perpetua hoje como um dos grandes elementos de organização de um novo modelo de educação,

pautada em valores muito debatidos, como colaboração e cooperação. Perpetuando esta afirmação, iremos debater teoricamente sobre as questões que norteiam o processo de formação de professores perante as possibilidades do uso de mídias tecnológicas na sua prática pedagógica em sala de aula.

2 - AS REDES SOCIAIS: ESPAÇOS DE ENSINO E APRENDIZAGENS

A presença diária da tecnologia na vida das pessoas vem ocasionando mudanças comportamentais e nos hábitos de vida. Os movimentos da atopia e acronia¹ tornaram-se naturais nos processos internos que organizam a sociedade, onde as informações passaram a ser mais velozes e imediatas e o conhecimento começou a ser a grande peça chave para o sucesso na nova sociedade informacional. Vale ressaltar, que o homem é um ser temporal e espacial, pois somos o centro da experimentação.

De acordo com Marilene Chauí (2017), “o ser humano nasce em um campo com grandes simbolizações”, o que em contrapartida, é desconstruído com a grande emancipação da tecnologia, como elemento único a reconstrução da vida em sociedade. Em muitos momentos a realidade virtual se sobrepõe à vida real, permitindo aos novos emancipados digitais criarem o que desejam, vivendo fecundados em um mundo onde a relação espaço-tempo é comandada por um universo paralelo.

Castells (2005) alertava que era preciso analisar as transformações das culturas humanas à luz dos novos sistemas eletrônicos de comunicação, porque estava surgindo uma cultura da virtualidade real. No campo educacional, o impacto e as mudanças decorrentes da globalização da tecnologia, promovem uma resignificação de papéis, conteúdos, práticas, conceitos e atitudes. O educador, neste momento, possui em seu aglomerado discente, seres cibernéticos e conectados a todo o momento. O tradicionalismo da modalidade educacional recai

¹ A relação corpo a corpo nos possibilita ser espacial e temporal. O mundo virtual não tem a referência do espaço e do tempo como o centro da nossa experiência. Não é mais essa experiência é outra experiência. O que se passa quando a espacialidade e a temporalidade do nosso corpo e da nossa experiência se perdem na **atopia**, ou seja, na ausência de lugar e ausência de espaço e na **acronia**, na ausência do tempo. São duas ausências, a atopia e a acronia, que caracterizam o mundo virtual. (Trecho extraído da palestra da Filósofa Marilene Chauí, 2010).

sobre um conceito desestruturado e fora de época. Obriga-se assim, a educação, o professor, a logística, a estrutura, a gestão entre outros aspectos, buscarem alternativas para interligar as vivências sociais com os conteúdos aplicados em sala de aula, e principalmente, promover a mediação do presencial com a virtualidade.

Dessa forma, alimentamos o discurso com a visão de Bruno (2010), a qual afirma que as redes podem ser abertas ou fechadas, de libertação ou de aprisionamento e podem, no mundo atual cibercultural e sociotécnico, ser rizomáticas. Ainda, de acordo com a autora “uma rede rizomática, portanto, implica em uma concepção de rede aberta, flexível, que se dê por meio de partilha” (BRUNO, 2010, p. 141). Nesse sentido, entende-se que as relações das mídias com a educação, podem funcionar como um processo colaborativo, ampliando as possibilidades de reinvenção do processo educacional, por meio das Redes Sociais, modificando as relações de interação entre os indivíduos conectados e direcionando uma nova interface para o processo ensino e aprendizagem.

De acordo com Bruno (2010), essa relação da tecnologia com a aprendizagem, à luz dos saberes pedagógicos, reconstrói um novo olhar para a relação da educação em sua prática “*in loco*”, com as redes. Segundo a autora “a consequência é o acesso, a socialização e construção de novos conhecimentos, gerando coaprendizagens” (BRUNO, 2010). Percebe-se que nesse movimento, não existe hierarquia, mas sim múltiplas possibilidades de construir um saber representativo, interconectado e vivenciado, aberto a possibilidades que se interlaçam ao hibridismo² possível dentro da educação.

Pallof e Pratt (2002),

“Os alunos bem-sucedidos em ambientes virtuais on-line caracterizam-se como sendo sujeitos ativos, criativos e comprometidos com o processo de ensino e aprendizado. Tais requisitos nem sempre estão presentes nos alunos que participam dos cursos on-line, no entanto eles podem ser aprendidos. Para isso as autoras afirmam que é preciso não somente dominar a tecnologia, mas, sobretudo, compreender que a aprendizagem nestes ambientes se dá através da criação de uma comunidade de aprendizagem”.

Portanto, em contrapartida as redes de conhecimento Bruno (2010), afirma que existem diversos meios de comunicação e ambientes que oferecem condições

² **Híbrido** se refere a algo que resulta da mistura de dois ou mais elementos diferentes. Neste caso, a relação encontra-se pautada no ensino presencial e virtual.

que ocorram o processo de ensino e aprendizagem, porém o diferencial entre esses meios/ambientes, que podem ou não promover situações de aprendizagens, e as instituições de ensino se encontra na intencionalidade.

3 – “NÓS” DIGITAIS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS.

De acordo com Junior (2013, p. 12), uma rede social é composta basicamente por três elementos: atores, conexões e o capital social. Fazendo uma analogia com a estrutura de uma rede, têm-se os “*nós da rede*”, representados pelos atores dos sistemas, e as arestas que interligam os atores, representadas pelas conexões.

Pensando que uma rede, pode ser organizada por seres humanos ou por composição virtual, o elo que a defini, sempre será os “nós potencializadores” (CORADINI, 2018) da sua conectividade. Essa perspectiva, parte da conceituação de Recuero (2005) que elenca seis dinâmicas existentes na concatenação das redes: ruptura e agregação, comportamentos emergentes, adaptação e auto-organização, sincronia, processo de cooperação, competição e conflito e clusterização.

Nesse discurso em que o foco é compreender a importância das redes virtuais na formação de professores, remodelando a sua prática pedagógica, iremos nos deter a ideia de que uma rede de aprendizagem necessita de laços e nós enriquecedores para o alcance do objetivo, neste caso, articular o processo de ensino e aprendizagem com a nova realidade da tecnologia social. Barabási (2003) apresenta um modelo de rede, em que na sua base encontra-se o processo de clusterização³, ação derivada da palavra origem “cluster⁴”. Segundo a autora, nesse processo existe a presença de conectores nas redes, ou seja, indivíduos com mais conexões com outras pessoas do que a média do grupo. A presença de conectores caracteriza o que se chama clusterização em uma rede – nós extremamente conectados.

³ Newman e Park (2003): a estrutura da comunidade produz clusterização, ou seja, permite que os nós agreguem-se uns aos outros. Isso equivaleria a dizer que a estrutura de comunidade tende a formar-se juntando nós cada vez mais próximos e tende a ficar cada vez mais densa.

⁴ Um **cluster** (do inglês *cluster*: 'grupo, aglomerado'). Computadores em *cluster* têm cada conjunto de nós, para executar a mesma tarefa, controlado e programado por software.

Partimos da afirmação de Carvalho (2009, p.74), dizendo que nas redes sociais online, as pessoas são nós, e os fios são as relações entre elas. Nessa concepção, direcionamos nosso olhar para a figura daquele conhecido como professor, cujas competências nas redes online seriam as mesmas, porém reconfiguradas no ciberespaço (CARVALHO, 2009). Os professores possuem uma importante função, além do ofício de ensinar, que se estende a criação de laços com esses alunos. E essa interação, segundo Recuero (2005), que é cooperativa pode gerar a sedimentação das relações sociais, proporcionando o surgimento de uma estrutura. Quando mais interações cooperativas, mais fortes se torna o laço social desta estrutura, podendo gerar um grupo coeso e organizado. Ainda segunda a autora, na organização da comunidade virtual, portando, é necessário que exista uma predominância de interações cooperativas, no sentido de gerar e manter sua estrutura de comunidade.

A formação de formadores, de professores, de docentes, indiferente de conotação, se faz porque manipulando o objeto virtual, não se pode procrastinar pedagogicamente, visto que as ligações são contínuas e constantes. Alunos se conectam com os alunos, que se conectam com os professores, que se interconectam com o mundo. Essa correlação do saber sofre a todo o momento intervenções importantes para que o saber em processo de construção possa ser reelaborado e (res) significado.

A formação continuada de professores, interligada ao desafio de conectar as tecnologias a sala de aula, aderindo as suas especificidades e peculiaridades, adequando-a a novas linguagens e convergindo a sua ação didático-pedagógica para a abrangência das mídias, é o grande ápice da plasticidade educacional ligada às ações do processo de ensino e aprendizagem. Cabe ao docente, então, “trabalhar a aprendizagem nos meios eletrônicos, diminuindo a distância hoje vigente entre a modernidade dos instrumentos e o atraso didático” (DEMO, 2011) e articular todo o movimento coletivo, inserindo alunos a sua rede de desenvolvimento do saber.

Hoje, as competências a serem aferidas na sala de aula, permitem o professor dialogar com a sua prática constantemente, em especial reconfigurar a percepção dos métodos didáticos com esse novo modelo de aluno contextualizado.

De acordo com Carvalho (2009, p.74), as competências são atribuídas ao professor que atua tanto no ciberespaço como fora dele. Partindo dessa realidade, sabe-se que essas competências não estão integradas a todos os educadores, a qual muitas vezes nos direciona para uma prática transmissora de conteúdos, “que não condiz com a ideia de rede de aprendizagem” (CARVALHO, 2009).

Exercer a docência é uma tarefa complexa que envolve muito mais do que o conhecimento específico do professor; envolve o domínio do campo pedagógico, que se constitui, à medida que o professor vivencia os processos de ensino e aprendizagem, numa relação de construção coletiva em que ele se apresenta como sujeito formador e formando (PIVETTA; ISAIAS, 2008, p. 251).

A ação para a perpetuação dessa relação é a “mediação pedagógica”. Bruno (2007), afirma que no processo de mediação pedagógica, os papéis entre professores e alunos podem se fundir para se auto-construírem, à medida que se auto-organizam à luz das aprendizagens emergentes. Desta relação, se constituem parcerias, onde todos aprendem a trabalhar colaborativamente.

A inserção de elementos multimidiáticos na sala de aula, é um dos maiores desafios para a reconfiguração do processo de aprendizagem pelas tecnologias emergentes ao ensino. O docente para atuar com uma rede social, e distinguir-se perante os alunos, do entretenimento, deverá antes de tudo, estar formado e capacitado para isso. Interligar os elementos de rotina lúdica dos alunos a uma prática séria e comprometida com a aprendizagem se torna fundamental entender essencialmente o processo de mediar.

Existem, hoje, diversos modelos e tipagem de redes para aplicabilidade no campo pedagógico, porém, a grande observação encontra-se nas questões de formação e capacitação adequada para a incorporação dessas plataformas, como elementos de potencialização do processo de aprendizagem. Carvalho (2009, p. 77), ressalta que em rede, construir conhecimento está intrinsecamente relacionado à interação, além do estudo de conteúdos disponibilizados no ambiente, não apenas pelo professor, mas por todos. Trata-se portando de “uma relação horizontal, mas que não prescinde de assimetria em alguns momentos por visar a um objetivo educativo” (CARVALHO, 2009).

De acordo com Prensky (2001), o professor tem duas escolhas:

Por um lado, eles [os professores] podem optar por ignorar os seus olhos, ouvidos e intuição fingindo que o nativo digital/imigrante digital não existe e continuar a usar os seus métodos tradicionais muito menos eficazes até se aposentarem e os Nativos digitais assumirem o protagonismo. Ou podem escolher, em vez de aceitarem o facto de eles se tornarem imigrantes num mundo digital novo, e olharem para a própria criatividade, dos alunos nativos digitais (...) para ajudarem a comunicar o seu conhecimento ainda valioso e sabedoria numa nova linguagem. A rota escolhida – e a educação dos seus alunos nativos digitais- depende muito de nós.

Nessa dúbia relação apresentada por Prensky, Chauí (2017) apresenta importantes questionamentos no direcionamento da importância do trabalho do pensamento nos espaços virtuais. De acordo com a filósofa, o professor deverá, perante as contradições, encontrar a “brecha contraditória” para adentrar em um universo que possa interconectar-se com seus alunos e reconstruir um novo caminho em prol da reconstituição de um pensamento significativo, em que o jogo do saber esteja na linearidade do desejo de aprender e no risco do desapontamento.

Portanto, cada docente deverá encontrar a melhor maneira como se integrar a esse grande universo midiático, de possibilidades, de recursos e acima de tudo, de complexibilidade. As relações entre os formadores e os participantes partem do pressuposto de que estão juntos como sujeitos do processo educativo e, assim, crescem juntos. “Dessa maneira, o educador não é o que apenas educa, mas o que, quando educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2005, p. 79). Nesse contexto, o educador deverá encontrar o equilíbrio retilíneo entre resignificar a sua prática didática pedagógica, e contemplar as possibilidades do universo midiático.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilização social mediante a globalização dos processos tecnológicos construiu fortes mudanças em todos os setores da sociedade, em especial no campo da comunicação. A educação como instrumento de aporte de uma sociedade, necessitou compreender o momento e mergulhar no universo interconectivo das relações pessoais. As salas de aulas aos poucos foram sendo alvejadas pela diversidade de instrumentos que a tecnologia apresentava aos diversos setores da sociedade, e a partir deste momento a perspectiva educacional entrou em um movimento de reelaboração de suas práticas. Os saberes do mundo



virtual estão presencialmente alocados na vida escolar, por isso, Moran (2000) afirma que a integração está cada vez maior entre a sala de aula e os ambientes virtuais. Segundo Carvalho (2009) essa rede se constrói diariamente por um nó robusto, e que se torna impossível deixar de acessá-lo. Diante desse cenário, é notória a importância da qualificação docente, buscando redefinir toda a dinâmica da aula e estimular a criação de novos vínculos entre professor, aluno e a tecnologia.

O fluxo informacional mediante as redes, tratada por Bruno (2012), como um grande rizoma, com características não lineares e apropriação de diversos saberes, provoca naturalmente no exercício do docente a necessidade de uma nova forma de aplicabilidade da sua prática didático-pedagógico em sala de aula. Entretanto, não é suficiente introduzir na escola os mais modernos meios de ensino para obter um efeito modernizador do processo formativo, e em particular, do processo de ensino-aprendizagem. É necessário modificar a forma de ensinar os procedimentos que os estudantes podem utilizar para aprender, os conteúdos que se estudam, as habilidades que se devem desenvolver e, portando, os efeitos que pretendemos obter na formação dos educandos. Sendo assim, as ferramentas tecnológicas vêm beneficiando a educação em todos os seus campos de estudo, e a plataforma interativa e colaborativa é a maior prova que o mundo tecnológico dispõe de vários elementos que consolidam a comunicação entre todos os envolvidos nesta engrenagem chamada aprendizagem.

5 – REFERÊNCIAS

BARABÁSI, A. L. **Linked**. How Everything is Connected to Everything else and what it means for Business, Science and Everyday Life. Cambridge: Plume, 2003.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Linguagens, Tecnologias e Racionalidades utilizadas na escola: interfaces possíveis**. 27ª Reunião Anual da ANPED/ GT16-1611, FAGED/UFBA, 2004.

BRUNO, Adriana Rocha. Aprendizagem plástica e integradora: contribuições da neurociência e sua articulação com os processos de aprendizagem em ambientes virtuais. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, nº 3, 2010. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2010/edicao_3/1. Acesso em 31 mai. 2018.

_____. **A aprendizagem do educador: estratégias para a construção de uma didática online.** 2004. 271 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / São Paulo, 2007.

CARVALHO, Jaciara de Sá. **Redes e Comunidades Virtuais de Aprendizagem: elementos para uma distinção.** 2008. 196 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo / São Paulo, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** Trad. Roneide Venancio Majer. 8ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

_____. **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Ação Política.** Conferência promovida pelo Presidente da República, Belém, 2005.

CHAUÍ, Marilene. **Espaço, tempo e mundo virtual (2017).** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4Qj_M6bnE-Y. Acesso em 25 jun. 2018.

DEMO, Pedro. **O olhar do educador e Novas Tecnologias.** Revista Educação Profissional –SENAC. Rio de Janeiro, v. 37, nº 2, mai./ago. 2011. Disponível em < <http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/190> >. Acesso em 25 jun. 2018.

FREIRE, p. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JUNIOR, Jaime Miranda. **Redes Sociais e Educação.** 2. ed. – Florianópolis : IFSC, 2013.

OLIVEIRA, Fátima Regis. **Tecnologias Informacionais de Comunicação, espacialidade e ficção científica.** Revista Contemporânea. nº 5 / 2005-2. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_05/contemporanea_n05_02_fatima.pdf. Acesso em 18 out. 2018.

PALLOF, Rena M; PRATT, Keith. **Estimulando a aprendizagem colaborativa. In: Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula online.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto; ISAIAS, Silvia Maria de Aguiar. **Aprender a ser professor: o desenrolar de um ofício.** Educação, Porto Alegre, v. 31, nº 3, p. 250-257, set./dez., 2008

PRENSKY, M. **Digital Game-Based Learning.** Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2001.

RECUERO, Raquel. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo.** Ecompos, Internet, v. 4, n. Dez 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.